

# Boa Nova para cada dia / novembro 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. e Marco Cunha, s.j. (Domingos)

**Tempo Comum** – Todos os Santos / Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos / Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

## Dom, 1 – TODOS OS SANTOS (Solenidade)

Ap 7, 2-4.9-14 / Slm 23 (24), 1-2.3-4ab.5-6 / 1 Jo 3, 1-3 / Mt 5, 1-12a

Hoje a Igreja celebra a Solenidade de Todos os Santos. São muitos os santos que temos nos altares das nossas Igrejas. Homens e mulheres de virtude comprovada, reconhecidos pela fidelidade ao Evangelho com que viveram a sua vida, são por nós venerados e a eles recorremos para que Deus vele por nós. Mas há muitas outras pessoas anónimas que passaram fazendo o bem, coerentes no dia a dia ao amor que Jesus nos propôs. Neste dia, celebramos essa imensidão de santos que passaram discretamente no meio de nós.

O tom da liturgia da Palavra é marcado pelo início do sermão da montanha que S. Mateus nos apresenta. Jesus fala das bem-aventuranças como um estilo de vida que santifica a vida dos crentes. O termo grego original usado pelo Evangelista, que pode ser traduzido seja

por “Bem-aventurados”, seja por “Felizes”, é o adjetivo «mácaros», cujo significado literal é «aquele que alcançou a sorte», «aquele que encontrou a felicidade» e, por isso, «aquele que é rico». Só assim se entende o verdadeiro alcance do discurso de Jesus. Os santos são ricos porque cheios da graça de Deus, são felizes porque têm Deus consigo no seu modo de viver. A sua riqueza não é material, recebe-se como dom, acolhe-se com a vida e não se fabrica de uma forma artificial. Recebê-la supõe decidir-se pela lógica do Reino, imitar Jesus no modo de agir. Dizia Santo Agostinho que «devemos procurar o que permanece para sempre e que não nos pode ser tirado por algum golpe cruel de sorte. Quando temos Deus, somos felizes». É esta a certeza que acompanha os santos.

A santidade é uma realidade dentro de nós, é preciso elegê-

-la uma e outra vez, cultivá-la, cuidá-la. Somos nós mesmos que nos dispomos a ser felizes e bem-aventurados, atentos a descobrir a alegria, dando-lhe existência e expressão em nós e à nossa volta. Diz S. João na sua Primeira Epístola que «o Pai nos consagrou em nos chamar filhos de Deus. Agora somos filhos de Deus e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Todo aquele que tem n'Ele esta esperança purifica-se a si mesmo, para ser puro, como Ele é puro». Tudo parte de Deus como dom para nos colocarmos ao serviço uns dos outros. Como filhos de Deus, não podemos ficar indiferentes àqueles que sofrem, aos marginalizados e excluídos, aos que choram de abandono, aos que são vítimas do mal dos outros, aos que passam injustiças e são perseguidos por trazerem

em si o nome de cristãos. Neste dia, é importante avaliar a forma como nos viramos para fora, como nos colocamos ao serviço da construção do reino de Deus.

Na primeira leitura, o Livro do Apocalipse de S. João traz-nos uma imagem sugestiva muito usada nos mosaicos primitivos das Igrejas romanas: «vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, diante do trono e na presença do Cordeiro, vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão». Nesta visão de S. João estão representados os mártires, aqueles que deram a vida pelo nome de Jesus para defender a sua fé e, muitas vezes, a vida de alguém. A que me sinto interpelado neste dia? O que posso fazer para ser santo?

## **Seg, 2 – COMEMORAÇÃO DE TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS**

Is 25, 6a.7-9 / Slm 22 (23), 1-6 / 1 Tes 4, 13-18 / Jo 6, 51-58 (Terceira Missa)

*Aquele que Me come viverá por Mim. (Evangelho)*

A interpretação desta frase é, naturalmente, aquele que Me come viverá em Mim, viverá segundo os meus valores. Mas também podemos interpretar o «por» como uma substituição. Quem Me come viverá «em vez» de Mim. Com efeito, ao comeremos Jesus, devemos ficar cada vez mais aptos a viver em vez d'Ele, fazendo o que Jesus «escondido dentro de nós» não pode fazer visivelmente. Temos que tornar Cristo “visível”. Como é que o leitor está nesta área?

## **Ter, 3 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM**

Rom 12, 5-16a / Slm 130 (131), 1.2ab.3 / Lc 14, 15-24

*Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las. (Evangelho)*

As pessoas não podiam vir para o banquete porque tinham outras coisas muito importantes para fazer. Como Deus não Se impõe, perde face a esta concorrência “desleal” que Lhe fazem as coisas do quotidiano que nos entram pelos sentidos e que são por isso muito mais atraentes. Deus é suave, não incendeia os sentidos, não nos entra pelos olhos dentro. Encontrá-Lo é um ato de vontade, não é espontâneo. E é preciso termos vontade para O irmos encontrando mais e mais. (O leitor tem?)

## **Qua, 4 – S. CARLOS BORROMEU (Memória)**

Rom 13, 8-10 / Slm 111 (112), 1-2.4-5.8a.9 / Lc 14, 25-33

*Quem de entre vós não renunciar a todos os seus bens... (Evangelho)*

Há espécies de bens que se interpõem entre nós e Deus. São aquelas de que nos apropriamos indevidamente. Por exemplo, se sistematicamente comemos demais, apropriamos-nos indevidamente da comida. Podemos apropriar-nos indevidamente do tempo das outras pessoas. Ou do nosso. Desbaratamo-lo. Etc. Hoje, o leitor faça um exame de consciência: veja que bens o impedem de chegar a Deus.

## **Qui, 5 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM**

Rom 14, 7-12 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Lc 15, 1-10

*Assim haverá alegria... (Evangelho)*

A alegria a que o texto se refere é pelo pecador que se arrepende. Mas há outra alegria: das pessoas que já não vão ser vítimas do pecado futuro do pecador por ele já se ter arrependido. Então, como já se arrependeu, há uma série de gente que já não vai ser vítima do seu pecado. E com certeza que os anjos também se vão alegrar por isso. Hoje, o leitor arrependa-se de algum pecado, e reze pelas pessoas que magoa com o seu pecado.

## **Sex, 6 – s. NUNO DE SANTA MARIA (Memória) / 1ª SEXTA-FEIRA**

Rom 15, 14-21 / Slm 97 (98), 1-3d.4 / Lc 16, 1-8

*Os filhos deste mundo são mais espertos... no trato com os seus semelhantes. (Evangelho)*

Na nossa vida damo-nos completamente ao nosso trabalho. Depois, aos nossos filhos. E amiúde Deus é um apêndice. É à família e ao trabalho que dedicamos o principal das nossas vidas. Para aumentarmos a vida de Deus em nós não pomos – nunca pusemos – nem de longe nem de perto, tanta energia. A nossa sagacidade esgotou-se lá fora. Porquê? Porquê essa falta de sagacidade, meu caro leitor? Reze sobre isso.

## **Sáb, 7 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM / 1º SÁBADO**

Rom 16, 3-9.16.22-27 / Slm 144 (145), 2-5.10-11 / Lc 16, 9-15

*Quereis passar por justos aos olhos dos homens. (Evangelho)*

O comum dos cidadãos tem uma fama um bocado morna: nem um excessivo exemplo de virtudes nem uns defeitos escandalosos. Mas claro que todos querem passar por justos. O problema é o interior e a desproporção que possa haver entre os vícios privados e as virtudes que gostamos de patentear. Essa desproporção é que tem que estar sempre a diminuir, quer dizer, o interior a melhorar. O interior do leitor está a ficar mais límpido?

## **Dom, 8 – DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM – Ano B**

1 Reis 17, 10-16 / Slm 145 (146), 7.8-9a.9bc-10 / Hebr 9, 24-28 / Mc 12, 38-44

Somos hoje desafiados a avaliar a nossa generosidade. Ao nosso lado existem pessoas que não têm realmente nada. Os migrantes que chegam à nossa velha Europa são exemplo disso mesmo. Para fugir da guerra, da fome e do desespero, chegam às nossas portas a pedir um pouco de dignida-

de. A Liturgia da Palavra deste domingo interpela-nos a uma vida mais virada para fora.

O Primeiro Livro dos Reis põe-nos diante de um episódio do Profeta Elias, numa época em que Israel vivia um longo período de seca extrema. Elias encontra uma pobre viúva oriunda de Sarepta e, cansado da via-

gem, pede-lhe água para beber e um pedaço de pão. Em tempo de seca, a mulher dá ao Profeta, na sua pobreza, o que lhe resta para a sobrevivência com o filho. Elias diz: «Não temas. Assim fala o Senhor, Deus de Israel: “Não se esgotará a panela da farinha, nem se esvaziará a almotolia do azeite, até ao dia em que o Senhor mandar chuva sobre a face da terra”». Porque a viúva de Sarepta acolhe Elias com o pouco que tem, Deus vai recompensá-la com a abundância do alimento. Na nossa vida sucede algo semelhante: quando damos do que temos, parece que nunca nos falta o essencial para uma vida feliz; pelo contrário, se nos fechamos em nós mesmos e acumulamos tesouros só para nós, tornamo-nos avarentos e desconfiamos de tudo e de todos.

O Evangelho de S. Marcos completa o quadro da leitura do Antigo Testamento. Sentado em frente da arca do tesouro, Jesus observa como a multidão dos crentes deixa o dinheiro na caixa. Os ricos vão ao Templo e sobressaem pelas quantias avultadas que deixam, muitas delas para fazer espetáculo e mostrar o quanto têm. No meio de tanta confusão, o olhar de Jesus prende-se numa pobre

viúva que deita apenas duas pequenas moedas de pouco valor. Comovido com a sua generosidade, o Mestre chama a Si os discípulos para dizer: «Em verdade vos digo: Esta pobre viúva deitou na caixa mais do que todos os outros. Eles deitaram do que lhes sobrava, mas ela, na sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver». Antes mesmo desta cena, o Evangelho lembrava a censura do Senhor ao modo de proceder dos escribas, sempre a exhibir poder e riqueza à custa de quem mais sofre. No contraste destes dois mundos é aparente a insignificância da oferta da pobre viúva. O que dá vale efetivamente pouco, mas, aos olhos de Deus, é aquilo que a torna sagrada. Desprendimento e sacrifício são, assim, gestos que agradam a Deus. Mais uma vez, somos interpelados pela generosidade com que nos damos aos outros como missão recebida de Jesus.

Exercer a caridade deve ser a máxima de todo o bom cristão. E sem fazer grandes cálculos, quando se trata de ajudar o outro. Porque Jesus fez o mesmo, ao dar a vida por cada um de nós. Como nos recorda a Epístola aos Hebreus: «Cristo manifestou-Se uma só vez, na pleni-

tude dos tempos, para destruir o pecado pelo sacrifício de Si mesmo, para dar a salvação àqueles que O esperam».

## **Seg, 9 – DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DE LATRÃO (Festa)**

Ez 47, 1-2.8-9.12 / Slm 45 (46), 2-3.5-6.8-9 / 1 Cor 3, 9c-11.16-17 / Jo 2, 13-22  
*Devora-me o zelo pela tua casa. (Evangelho)*

Jesus referia-Se ao templo. O nosso corpo também é templo do Espírito Santo. E temos que tratar dele. E muitas vezes é uma grande maçada. Amar este corpo que temos pode ser uma grande maçada. Irmos ao médico, fazermos exercício, fazermos meditação são coisas que nos podem parecer muito pouco atraentes. Mas cada um sabe aquilo de que o seu corpo precisa, cada um sabe como é que o tem que amar. Hoje, o leitor ofereça o seu corpo a Deus.

## **Ter, 10 – S. LEÃO MAGNO (Memória)**

Sab 2, 23 – 3, 9 / Slm 33 (34), 2-3.16-19 / Lc 17, 7-10  
*Somos inúteis servos; fizemos o que devíamos fazer. (Evangelho)*

Ao fazermos o nosso dever, somos todos igualmente inúteis ou úteis: estamos todos no mesmo pé de igualdade. A nossa utilidade começa no desenvolvimento das nossas potencialidades originais. E a potencialidade maior é o amor e a maior originalidade a maneira específica como o leitor ama. Hoje, o leitor veja o que é que o seu amor tem de específico. O que é que o seu olhar sobre os outros terá de específico. Reze sobre isso.

## **Qua, 11 – S. MARTINHO DE TOURS (Memória)**

Sab 6, 1-11 / Slm 81 (82), 3-4.6-7 / Lc 17, 11-19  
*Os que nelas [palavras de Deus] se tiverem instruído encontrarão segura defesa. (1ª Leitura)*

A palavra de Deus é uma luz para o nosso caminho, ao mesmo tempo que uma segurança e um apoio. Um apoio porque nos encoraja quando estamos em perigo de desfalecer. E um apoio no nosso caminho para a vida eterna porque nos ajuda a adquirir as condições necessárias para irmos para o Céu. É, pois, fundamental

o seu conhecimento pelo nosso interior. (Repare, pelo nosso interior, não só pela nossa cabeça.) Hoje, o leitor medite nisto.

## **Qui, 12 – S. JOSAFAT (Memória)**

Sab 7, 22 – 8, 1 / Slm 118 (119), 89-91.130.135.175 / Lc 17, 20-25

*O reino de Deus não vem de maneira visível. (Evangelho)*

O reino de Deus não vem de maneira visível. Não tem terra, não tem rei, não tem súbditos. Dele fazem parte muitas pessoas de diversos reinos e países. É um reino em construção, baseado na boa vontade dos seus membros e no facto de Deus estar dentro de cada um; e dentro da cada um, não tem nenhum poder militar e tem pouco poder económico (a Igreja). O leitor tem o reino de Deus dentro de si?

## **Sex, 13 – SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM**

Sab 13, 1-9 / Slm 18A (19A), 2-5 / Lc 17, 26-37

*Nesse dia, quem estiver no terraço... não desça. (Evangelho)*

Nesse dia, quem estiver no terraço não desça porque chegou o momento do encontro com o Pai. Não fuja. Não tenha medo. Lembre-se da parábola do filho pródigo, da parábola da ovelha perdida e espere pelo Pai, confiadamente, quaisquer que forem as suas circunstâncias. Atire-se para os braços do Pai. E pode fazer isso hoje. Mesmo já nesta terra.

## **Sáb, 14 – SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM**

Sab 18, 14-16; 19, 6-9 / Slm 104 (105), 2-3.36-37.42-43 / Lc 18, 1-8

*É certo que eu não temo a Deus nem respeito os homens... (Evangelho)*

Nós teoricamente tememos a Deus e respeitamos os homens. Eu acho que o verdadeiro temor a Deus e respeito pelos homens se nota quando se tira o medo. Quando interagimos com Deus e com os homens sem medo. Imaginemos que não havia polícia. Será que cumpríamos as regras de trânsito? Imaginemos que não havia vigilância. Quantas pessoas chegariam a horas ao emprego? Portanto, quantas pessoas respeitariam o próximo se não houvesse medo? O leitor de que lado está?

# Dom, 15 – DOMINGO XXXIII DO TEMPO COMUM – Ano B

Dan 12, 1-3 / Slm 15 (16), 5.8.9-10.11 / Hebr 10, 11-14.18 / Mc 13, 24-32

Aproximamo-nos do final de mais um Ano Litúrgico. Despedimo-nos hoje do Evangelista S. Marcos, que fomos lendo ao longo dos domingos deste Ano. Para a semana terminamos este ciclo com a Solenidade de Jesus Cristo, Rei do Universo. De seguida, entramos no Advento e damos voz ao Evangelista S. Lucas. Para já, em tempo de conclusão, as leituras adquirem um tom apocalíptico, simbólico e enigmático, convidando-nos a refletir sobre a confiança em Deus e a esperança num futuro mais pleno, sempre marcado pela salvação definitiva que Cristo nos veio trazer.

A Profecia de Daniel anuncia o tempo da ação salvadora de Deus em favor do seu povo. Ainda que o presente seja marcado por dificuldades, é a esperança no futuro que dá ânimo a Israel. «Nesse tempo, virá a salvação para o teu povo», diz Daniel, completando que «os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça brilharão como estrelas por toda a eternidade».

O Evangelho de S. Marcos leva-nos por uma estrada semelhante. Jesus fala aos seus discípulos do fim dos tempos,

desse futuro que há de vir como a plenitude da vinda do Senhor. «Esse dia e a essa hora, ninguém os conhece», diz Jesus, mas deixa-nos a certeza de ser marcado pelo selo de Deus. Cristo virá novamente ao encontro dos homens, manifestar-se-á na sua glória e congregará em Si a humanidade redimida.

Também a nós são dirigidas estas palavras simbólicas sobre o fim dos tempos. A vida seria muito reduzida se começasse e terminasse aqui na terra. Sabemos que nascemos, mas que não morreremos. Os dias vão passando, o corpo acabará por desaparecer, mas a vida continua em Cristo. É na certeza da Ressurreição que somos animados a perseverar nos valores que nos identificam como cristãos. Por isso, mesmo que haja dificuldades, fragilidades a curar, relações a perdoar, mortes a pacificar, fica sempre a certeza de que somos criados para «louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor», como nos ensina Santo Inácio de Loiola no “Princípio e Fundamento” dos seus Exercícios Espirituais. Nós não existimos nem por acaso, nem sem fina-



lidade alguma, mas por amor e para amar. Somos criados a cada instante por puro amor, para amar a Deus como Ele nos amou. É essa a nossa finalidade e só assim nos realizamos. A prioridade da ação salvadora vem de Deus, que tem um projeto que é bom para a humanidade e que a conduz a um fim preciso, a comunhão no amor de Deus. Nós existimos em função desse projeto de amor, do qual formamos parte, mesmo que não saibamos concretizar muito bem o que nos espera. Vale a pena tomar consciência que, neste preciso momento,

estamos a ser criados, a receber vida, a ser amados.

A Epístola aos Hebreus diz-nos que «Cristo, tendo oferecido pelos pecados um único sacrifício, sentou-Se para sempre à direita de Deus». Ele é o Caminho que nos conduz à vida eterna, é a Porta estreita que nos abre de novo as portas do Paraíso. Caminhemos n'Ele escutando a Palavra que nos salva, agindo como Ele nos ensinou, fazendo da nossa missão uma forma de amor sem distinção de pessoas, colaborando, deste modo, na obra criadora e santificadora de Deus.

## **Seg, 16 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM**

1 Mac 1, 10-15.41-43.54-57.62-64 / Slm 118 (119), 53.61.134.150.155.158 / Lc 18, 35-43  
*Ao ver o sucedido, todo o povo deu louvores a Deus. (Evangelho)*

Notemos que o texto diz que as pessoas deram louvores a Deus e não diz que as pessoas vieram agradecer a Jesus. É muito importante termos a noção prática de que Deus atua através dos nossos irmãos para não ficarmos agarrados a esses irmãos. Isto acontece muito com padres que «falam muito bem». (Leia-se: «escrevem.») O nosso apego deve ser a Deus e não a eles. Eles são instrumentos que levam tesouros em vasos de barro. Terms noção disto pode poupar-nos muitas desilusões. Rezemos por eles.

## **Ter, 17 – SANTA ISABEL DA HUNGRIA (Memória)**

2 Mac 6, 18-31 / Slm 3, 2-7 / Lc 19, 1-10

*O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido. (Evangelho)*

O Evangelho mostra-nos que Jesus veio sobretudo para quem estava perdido. E salvou quem quis ser salvo. Nós, enquanto pecadores, também estamos perdidos. Enquanto cristãos, partilhamos da promessa da salvação, mas ainda não a temos garantida. O que é que nos falta? Falta-nos acolhermo-nos nos braços do Pai todos os dias que nos faltam para o abraço eterno. Falta-nos ir todos os dias ao encontro daquele que nos procura. Parece-lhe que vai? (Fora das suas orações.)

## **Qua, 18** – DEDICAÇÃO DAS BASÍLICAS DE S. PEDRO E S. PAULO, APÓSTOLOS

Act 28, 11-16.30-31 / Slm 97 (98), 1-6 / Mt 14, 22-33 (L. Santoral)

*Tu és verdadeiramente o Filho de Deus. (Evangelho)*

Aqui os discípulos acreditaram por causa do que Jesus tinha acabado de fazer, mas só haveriam de acreditar realmente pela ação do Espírito Santo, quando este converteu os seus corações. Connosco é a mesma coisa, temos que estar abertos ao Espírito Santo. Todos os dias, porque a conversão é diária e o estímulo para ela vem das maneiras mais inesperadas. Temos que estar atentos. O leitor esteja e hoje reze por isso.

## **Qui, 19** – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

1 Mac 2, 15-29 / Slm 49 (50), 1-2.5-6.14-15 / Lc 19, 41-44

*Esmagar-te-ão... por não teres reconhecido o tempo em que foste visitada [pela paz]. (Evangelho)*

Jesus refere-Se com muita tristeza à destruição de Jerusalém. A insubordinação judaica ia contra a paz romana e por isso destruíram Jerusalém. Se tivessem acolhido a paz de Cristo, talvez Jerusalém não tivesse sido destruída. Mas o interesse imediato prevaleceu. Temos que evitar esta espécie de pecado na nossa vida: sacrificar o médio prazo ao prazer do presente. O leitor reze sobre isto.

## **Sex, 20 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM**

1 Mac 4, 36-37.52-59 / 1 Cr 29, 10-13 / Lc 19, 45-48

*E deu graças ao Céu por lhes ter dado tão feliz sucesso. (1ª Leitura)*

Foi instituído um ritual sagrado para agradecer e celebrar um sucesso. Que comparação terá a nossa alegria pela ressurreição de Jesus com a de Maria Madalena ou os discípulos? Será que lá podemos chegar? Mas a celebração da ressurreição de Cristo, a «missa», não tem sentido enquanto não sentirmos por dentro a alegria de Jesus estar vivo. (Até lá, a alegria da missa será o coro, o padre, a igreja, as pessoas que vão ou a distância de nossa casa.)

## **Sáb, 21 – APRESENTAÇÃO DE NOSSA SENHORA (Memória)**

1 Mac 6, 1-13 / Slm 9A, 2-4.6.16.19 / Lc 20, 27-40

*Para Ele todos estão vivos. (Evangelho)*

Para Deus, mesmo a morte é ressurreição. Não há dor nossa que nos tire a vida se nos encostarmos a Deus. Temos aquelas dores fininhas subtis que se metem entre as juntas dos nossos ossos, ou as dores brutais que nos partem o esqueleto, mas nada disso nos traz a morte se conhecemos a Deus. E a dor junta-nos a Ele, junta-nos a todos os que sofrem. Em Deus, dor dá vida. O leitor reze...

## **Dom, 22 – NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO (Solenidade) – ANO B**

Dan 7, 13-14 / Slm 92 (93), 1ab.1c-2.5 / Ap 1, 5-8 / Jo 18, 33b-37

Com a Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, concluímos mais um Ano Litúrgico. Continuamos, como no domingo passado, com o género literário apocalíptico. Na sua simbologia, a alternância dos verbos nos tempos passado, presente e futuro diz-nos que o reino de Deus, instaurado por Jesus, é alguma coisa que já

aconteceu com a sua vida (a encarnação, a morte e a ressurreição), que continua a construir-se ainda hoje e que terá a sua plenitude na eternidade.

A liturgia da Palavra deste dia percorre a história da salvação do Antigo ao Novo Testamento, identificando os traços essenciais do Reino que Jesus vem trazer à terra. Na primeira lei-

tura, o Profeta Daniel contempla a visão da glória do Messias esperado, que vem «sobre as nuvens do céu». Simbolicamente, Daniel antevê o poder triunfante com que Jesus Se revela vitorioso sobre a morte. Na verdade, depois da ressurreição e da aparição aos discípulos, Jesus ascende aos Céus e deixa a promessa do envio do Espírito Santo. Sobe para junto do Pai, mas fica presente no nascimento da Igreja. A morte não foi o seu fim, mas o início de uma nova era da humanidade. É com esta confiança que os cristãos continuam a acreditar na força do poder de Jesus e na certeza da vida eterna. O próprio Daniel, na sua visão, diz que «o seu poder é eterno, não passará jamais, e o seu reino não será destruído».

No Evangelho de S. João encontramos o diálogo de Jesus com Pilatos momentos antes de ser entregue à morte. Pilatos interroga Jesus se é, de facto, o Rei dos Judeus e este, pronto para dar a vida pela salvação de toda a humanidade, responde: «O meu reino não é deste mundo. Sou Rei. Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade». É o próprio Cristo Quem nos apresenta a sua realeza, bem di-

ferente dos poderes de quem governa na terra. A missão de Jesus é dar a vida para que outros a tenham em abundância, é libertar da morte quem anda preso a vidas escravizadas pela tirania do mal, é salvar os corações despedaçados pela dor da solidão, do abandono e da miséria. Diante deste Rei, somos interpelados na forma como agimos no dia a dia. Que tipo de cristãos somos no meio em que vivemos? Que testemunho damos na família, no emprego, entre os amigos? Como colaboramos na obra de implementação do reino de Deus que Jesus veio oferecer? São perguntas que nos devem levar a um exame da forma como fomos vivendo este ano litúrgico que agora termina.

O Livro do Apocalipse completa o discurso lembrando que Jesus Cristo é «o Príncipe dos reis da terra», foi Ele que «fez de nós um reino de sacerdotes para Deus seu Pai». Jesus é «o Alfa e o Ómega», «Aquele que é, que era e que há de vir, o Senhor do Universo». O Rei que hoje celebramos não tem uma coroa de pedras preciosas, nem veio sentado num trono de madeiras exóticas. A coroa de Jesus é feita de espinhos e o seu trono é a vitória da cruz.

Ainda hoje nos admira a forma como Jesus veio instaurar o reino de Deus: acolhendo todos os povos, sem distinção de raça ou cultura, protegendo os pobres e indefesos, curando os doentes

e oprimidos, libertando do mal os pecadores que se convertem. As histórias que os Evangelhos nos contam, vividas há dois mil anos, continuam hoje a acontecer de forma surpreendente.

## **Seg, 23 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM**

Dan 1, 1-6.8-20 / Dan 3, 52-56 / Lc 21, 1-4

*Ela, na sua penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver. (Evangelho)*

Aquela viúva podia, por vergonha, não dar nada. Mas deu tudo o que tinha, o que mesmo assim era muito pouco. Era muito pouco e era muito, porque era tudo o que tinha. Tenhamos nós também essa coragem: dêmos tudo o que temos. Pode não ser muito, podemos não ser grande coisa (sobretudo aos nossos olhos), mas dêmos tudo isso a Deus, que nos vai devolver cem vezes mais. Reze, o leitor, sobre isto.

## **Ter, 24 – SANTOS ANDRÉ DUNG-LAC E COMPANHEIROS (Memória)**

Dan 2, 31-45 / Dan 3, 57-61 / Lc 21, 5-11

*Obras do Senhor, bendizeis o Senhor. (Salmo)*

Faça, o leitor, com que as suas obras bendigam o Senhor. Não de uma forma lírica, poética, alegórica, mas de uma forma prosaica, concreta e terra a terra. Amando. O leitor ame em cada obra que faz e as suas obras já estão a bendizer o Senhor. Há muitas maneiras de fazer as coisas. Uma delas é amando. Pensando não só na obra mas nas pessoas para quem se faz. Pensando nas pessoas ao começo. No meio e no fim. O leitor ame. Ame e reze.

## **Qua, 25 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM**

Dan 5, 1-6.13-14.16-17.23-28 / Dan 3, 62-67 / Lc 21, 12-19

*Causarão a morte a alguns de vós... mas nem um só cabelo... se perderá. (Evangelho)*

Eu talvez preferisse que me caísse o cabelo e que Nosso Senhor não permitisse que me matassem... O importante é salvar a alma, se for

preciso, em detrimento do corpo. O corpo é um veículo transmissor de Deus. E quando Deus Se manifesta de tal maneira que o nosso corpo explode, deixemos ir o corpo. Não o queiramos segurar se para isso perdermos a alma. (Segurar o corpo pode ser não querer sair de um sofá confortável.) (Perder a alma pode ser pecar.)

## **Qui, 26 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM**

Dan 6, 12-28 / Dan 3, 68-74 / Lc 21, 20-28

*Quando estas coisas começarem a acontecer... a vossa libertação está próxima. (Evangelho)*

Muitas vezes, a libertação vem depois de uma explosão. Neste caso, a libertação sucedia-se a uma série de desgraças. Se aguentarmos as desgraças, se nós aguentarmos a tensão, depois vem a explosão libertadora. Se desistirmos a meio da desgraça, se aliviarmos a tensão antes do tempo, não teremos nenhuma explosão, não teremos nenhuma libertação. É preciso aguentar a tensão com Deus para o próprio Deus nos libertar. Reze, o leitor, sobre esta sua capacidade.

## **Sex, 27 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM**

Dan 7, 2-14 / Dan 3, 75-81 / Lc 21, 29-33

*Passará o céu e a terra mas as minhas palavras não passarão. (Evangelho)*

As palavras de Cristo não passam porque Cristo tem palavras de vida eterna, que devem fazer efeito dentro de nós por toda a eternidade. Nesta terra somos nós que as levamos onde queremos. Cristo planta a semente, mas compete-nos fazê-la crescer. Fazê-la crescer dentro de nós e à nossa volta. Fazer crescer a palavra é realizá-la, concretizá-la, dar-lhe forma, não é achá-la muito bonita. Que palavra é que o leitor concretiza?

## **Sáb, 28 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM**

Dan 7, 15-27 / Dan 3, 82-87 / Lc 21, 34-36

*A intemperança, a embriaguez, as preocupações da vida... (Evangelho)*

O leitor tem ou arranja muitas preocupações? E não percebeu que isso é um pecado grave? Já temos o leitor dividido e perplexo. Pois

não é que toda a gente – que se preze – tem muitas preocupações? Repare que nosso Senhor as põe ao nível da intemperança e da embriaguez, não acha nada que seja sinal de vida de sucesso. O sucesso de Deus não é o sucesso dos homens. Caro leitor, faça alguma coisa por não ter preocupações. Primeiro reze.

## **Dom, 29 – DOMINGO I DO ADVENTO – Ano C**

Jr 33, 14-16 / Slm 24 (25) 4-5.8-10.14 / 1 Ts 3, 12 – 4, 2 / Lc 21, 25-28.34-36

Começa hoje um novo ano litúrgico com o início do tempo do Advento. Assim, a Igreja propõe-nos um caminho de preparação para acolher o Senhor que encarna. Este primeiro Domingo é marcado pelo anúncio da vinda gloriosa de Cristo. Este é, na verdade, o advento para o qual todos somos convidados a preparar o coração. Este tempo litúrgico de preparação para o Natal do Senhor não é uma preparação para a celebração do seu aniversário, mas é verdadeiramente uma preparação para o recebermos no nosso íntimo.

O Senhor é Aquele que vem. Desde sempre está a vir ao nosso encontro. Neste domingo, a liturgia propõe-nos, usando um estilo apocalítico, que meditemos sobre a finalidade da nossa peregrinação sobre esta terra: receber e acolher o Senhor. O texto do Evangelho fala de guerras, devastações, catástrofes naturais e da destruição do mundo, mas não o faz para

nos meter medo. Na verdade, este é um modo de nos transmitir a paz de quem sabe que Jesus Cristo é o Senhor de toda a criação e que diante d'Ele tudo assume um novo significado. Ele é o Senhor do Universo: todas as coisas passarão. Só Ele não passa.

Na nossa vida, damo-nos conta que acontecem tantas coisas que não são boas. Temos muitas vezes a consciência de que as nossas fraquezas e infidelidades são mais fortes do que nós. Medos, desilusões, experiências difíceis que nos impedem de confiar nos outros e de viver felizes e em paz. Mas Jesus Cristo garantiu-nos a sua presença até ao fim dos tempos e a Palavra de Deus deste domingo dá-nos a certeza de que Ele nunca nos faltará. Não existe condição de escravidão e de pecado ou de dor que seja mais forte do que Deus.

Na primeira leitura, é Deus Quem garante ao profeta Jeremias que cumprirá a sua pro-

messa e que não abandonará o seu povo, e no Evangelho vemos essa promessa cumprida: Jesus que nos convida a levantar a cabeça, não tanto para o Juízo final, mas para a Libertação final que é Ele próprio.

Viver o Advento significa esperar a vinda de Jesus Cristo na nossa vida concreta. Somos convidados a viver preparando-nos, a cada dia, para um encontro, sempre novo, com o Senhor. Por isso, o Evangelho, depois de nos exortar a levantar a cabeça para podermos acolher a nossa libertação, dá-nos indicações de como preparar a vinda de Jesus Cristo na nossa vida.

Diz-nos S. Lucas para estarmos atentos ao nosso coração, para que este não se torne pesado e insensível ao que acontece à nossa volta. Somos exortados a estar atentos e vigilantes para

não perder o desejo vital do encontro com o Senhor. E não são só as coisas negativas que nos podem tornar insensíveis à voz do Senhor: também as normais preocupações do dia a dia podem ser perigosas se lhes damos demasiada importância e perdemos de vista a meta da nossa vida. Por isso, o convite à vigilância é acompanhado pelo convite à oração. Se perdemos o sentido da própria existência e vivemos como se aqui, sobre esta terra, tivéssemos a nossa morada definitiva, caímos na armadilha que nos leva a um coração fechado que não espera a libertação do Senhor. Rezando, mantemos vivo dentro de nós o olhar virado para o Futuro, que espera e prepara o encontro definitivo e libertador com Jesus Cristo, fonte e plenitude da nossa vida.

## **Seg, 30 – SANTO ANDRÉ (Festa)**

Rom 10, 9-18 / Slm 18A (19A), 2-5 / Mt 4, 18-22

*Eles deixaram logo as redes e seguiram-No. (Evangelho)*

Este seguimento um pouco ingénuo e muito entusiasta não existiu com certeza. Este relato é um resumo muito resumido. Tanto Jesus já devia conhecer os dois irmãos como eles já conheceriam Jesus. Nós devemos pôr-nos a pau contra os arroubos de entusiasmo no seguimento de Cristo. Os arroubos de entusiasmo devem sempre ser secundados pela oração e por uma reflexão séria. Para outros, o problema é a (in)decisão. O leitor veja do que é que padece e reze sobre isso.